

23 de julho de 2024

nº3

ano 3

Tatuí - SP

JORNAL

BULLI

20

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro

FETESP





NO FRESCOR DA HORA

5

SOBRE SOMBRAS, IMAGENS E AFETOS

SORAYA MARTINS

10

ENTRE BEIRAS, PALAVRAS E BRANDURAS

SORAYA MARTINS

14

TODO BICHO TEM DIREITO À MORADIA!

TALVEZ OS DE PELE PRETA, NÃO

RAFA BREVES

19

**“SERÁ QUE OS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS,
DAQUI CEM OU DUZENTOS ANOS, E PARA
QUEM ABRIMOS CAMINHOS,
VÃO FALAR BEM DE NÓS?”**

RAFA BREVES



APRECIAÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

25

ASSOMBRADA, ASSOMBRADÍSSIMA!

ANA JULIA DOS SANTOS

31

A LEGIÃO QUE NÃO É A URBANA

LUCAS ROSÁRIO

CHARGES

36

VOCÊ TEM O DIREITO DE SER FEIA

KAIÃO

37

NO TEMPO DA INTOLERÂNCIA

KAIÃO

38

NONSENSE

KAIÃO

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

39

ESPERANÇAR

NATALY REIS

41

PELOS TERRITÓRIOS DE TATUÍ

DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO



44

PREFEITO SALADINO, SANTO ANDRÉ

SOPHÍA “SOSA” SALVI

AINDA REVERBERA

46

QUE AMORES SÃO ESSES?

FERNANDO MACHADO E LOHU SARON

48

ESCUMALHEI MEU CORAÇÃO COM O CHAT GPT

JHONY FURLANETO

BASTIDORES, POR CAMILA FONTENELE

51

IRMÃS CORAGEM

53

NA BEIRADA

54

TIO VÂNIA

EXPEDIENTE

55





SOBRE SOMBRAS, IMAGENS E AFETOS

POR SORAYA MARTINS

apreciação do espetáculo O que seria de mim se não fossem os outros, a partir do painel conduzido por Lúcia Helena – VQV e Adriana Afonso – Conservatório de Tatuí.

O filósofo Jean Paul Sartre tem uma frase muito famosa em que afirma que “o inferno são os outros”. Será mesmo? A peça O que seria de mim se não fossem outros, do Grupo Jovem de Teatro do Conservatório de Tatuí, aponta não para esse “inferno”, mas para a compreensão de que o

outro é peça fundamental nos processos de ressignificação de nós mesmos e de construção de um sentimento comunitário de pertencimento.

A partir da linguagem do teatro de sombras, que explora criatividade e expressões corporais, o Grupo Jovem de Teatro, misturando realidades e imaginários, oferece uma viagem de delicadezas para o público, mesmo tratando, em cena, de uma questão que não é e nem está na esfera da brandura: as sistemáticas intimidações no ambiente escolar.

No espetáculo, o relógio marca insistentemente o mesmo horário: 11:50. Cotidianamente vemos, em sala de aula, isolamentos, constrangimentos, medos e solidões que não podem ser traduzidos como simples brincadeiras. São coisas sérias que marcam o universo de emoções e sentimentos de cada estudante. 11:50. Por que sempre esse mesmo horário? Será que o tempo parou e mais nada pode acontecer? Será que o cotidiano das escolas, com seus sinais e ritos, indica um estágio constante de inércia? 11:50 de novo. E, de repente, o tempo não é mais o mesmo. A percepção visual, auditiva, espacial, temporal, sinestésica, ação e reação, equilíbrio e precisão dos movimentos em O que seria de mim se não fosse outros muda e convoca cada estudante da escola, que ao mesmo tempo vive e provoca solidões, a se perceber em relação ao outro, no sentido de uma reflexão crítica sobre como interagir e acolher quem está no entorno.

A narrativa de gestos, imagens e sons do teatro de sombra do grupo pedagógico de artes cênicas do Conservatório tece uma dramaturgia das sensações, mostrando que a coreografia dos movimentos é tão potente quanto a linguagem verbal. Ela

NO FRESCOR DA HORA

– dramaturgia das sensações – no experimento cênico dá a ver a potência poética dos encontros, do toque e da delicadeza de perceber e ser percebido.

O experimento é uma gostosura, um afago doce que lembra, como cantado na música de Chico¹, fogueira, balões, luas no sertão, roupa no varal, feriado nacional e estrelas salpicadas nas canções.

¹ Referência à música Maninha, de Chico Buarque, colocada em cena.

FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



FOTOGRAFIAS POR JOÃO MARIA





ENTRE BEIRAS, PALAVRAS E BRANDURAS

POR SORAYA MARTINS

apreciação do espetáculo Na Beirada, a partir do painel conduzido por Lígia Helena – VQV e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí.

O terceiro dia do 29º FETESP foi recheado por obras e experimentos cênicos que aguçaram as percepções do público. Se na parte da manhã, no Centro de Artes e Esportes Unificados, o Grupo Jovem de Teatro de Tatuí levou para o palco uma dramaturgia pautada em movimentos

e gestos, explorando a criatividade por meio do teatro de sombras, à tarde o espetáculo *Na Beirada*, com Coletiva Na Beirada, de São Paulo, foi banhado pela palavra.

Por meio de narrativas cantadas e poemas falados, a palavra emergiu para ressignificar a experiência trágica que o ator e compositor Jonathan Silva teve ao ir ao teatro. A palavra / o verbo é tessiturado como instrumento importantíssimo de reflexão e questionamentos sobre o que, de fato, é a vida: um grande privilégio.

Interrelacionando e explodindo as fronteiras entre as artes, *Na Beirada* é, ao mesmo tempo, teatro, performance, música, poesia, ladainha, reza e versos de Torquato Neto, Ana Cristina Cesar e Caio Fernando Abreu. Todos artistas das palavras. Artistas empenhados em “não dar de comer aos urubus”. Aqui, as palavras que saem das bocas dos atores do elenco, além de desenhar, nos imaginários, imagens de afeto, representam voos de liberdade criativa que sensibiliza e cura.

Na Beirada é como a música de Itamar Assumpção que diz que, em caso de dor: “ponha gelo, mude o corte de cabelo, mude como modelo”. Já em caso de tristeza: “vire a mesa, coma só a sobremesa, coma somente a cereja”.

Toda essa atmosfera de ressignificações também é coreografada por uma outra linguagem expressiva: as artes visuais. No palco, ao vivo, desenhos são feitos e projetados no fundo do palco, de acordo com aquilo que é dito, cantado, poetizado e/ou sentido pelos três atores-cantores em cena. Esses desenhos ora são cenários que invadem o palco, ora são invadidos pelos atores, numa espécie de sobreposi-

NO FRESCOR DA HORA

ção de espaços, tempos e materialidades, em constante busca pelo sublime.

É nesse sentido que a peça-show propõe um encontro multimédia com o público, intencionando fortalecer e reconstruir paisagens de carinho, de afagos e delicadezas, assim como aconteceu no experimento cênico *O que seria de mim se não fosse o outro*. Na *Beirada*, é festa das artes e pulsão de vida.

FOTOGRAFIAS POR CAMILA FONTENELE





TODO BICHO TEM DIREITO À MORADIA! TALVEZ OS DE PELE PRETA, NÃO



POR RAFA BREVES

*apreciação do espetáculo Irmãs Coragem,
a partir do painel conduzido por Amanda
Tavares Dias – VQV e Valéria Rocha –
Conservatório de Tatuí.*

“Negro drama, entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura”²

² Trecho da música “Negro Drama”, no grupo de rap brasileiro Racionais MC’s.

A peça *Irmãs Coragem*, da Cia Coxixo, encenada por alunas e alunos da Escola Superior de Artes Célia Helena, é um poderoso testemunho contando a história de três jovens que enfrentam o abandono parental e encontram na rua tanto perigo, quanto força. O espetáculo não apenas destaca o embate de classes sociais, mas também levanta questões urgentes sobre o extermínio da população preta e as deficiências das políticas públicas.

"A dor não é menor ou maior do que podemos suportar. Ela apenas é. E dói."

Insubmissas Mulheres, de Conceição Evaristo

As personagens enfrentam uma realidade brutal, na qual a dor e a sobrevivência são constantes. Essa dor, no entanto, não as define completamente; elas encontram maneiras de resistir e de se fortalecerem, transformando o sofrimento em uma forma de insubmissão.

Assim como em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, livro em que jovens marginalizados lutam por uma vida digna nas ruas de Salvador, as protagonistas da peça encenada no 29º FETESP mostram a tenacidade de quem se recusa a ser definida pela adversidade.

"Eles eram os capitães da areia. Reis do terreiro, donos da rua e das calçadas..."

A comparação é inevitável, pois ambas as narrativas apresentam uma juventude que, apesar das circunstâncias adversas, busca sua própria forma de realeza e dignidade.

Outra comparação que minha mente fez foi com o filme *Pixote*, de Hector Babenco. As meninas negras lembram o jovem protagonista, cuja luta pela sobrevivência nas ruas de São Paulo é marcada por uma crueza brutal. A obra de Babenco não se afasta da realidade dura, mas encontra momentos de beleza e humanidade nos lugares mais inesperados. E *Irmãs Coragem* faz o mesmo, mostrando que, também na marginalização, existe uma chama de esperança e dignidade. Afinal, no coração dessas jovens está a necessidade de esperar e de criar novas narrativas de vida.

"Esperança é levantar-se, esperança é ir atrás, esperança é construir, esperança é não desistir!"

Esse conceito de Paulo Freire é central para a peça, pois as personagens não apenas sobrevivem, mas também lutam por um futuro melhor. O espetáculo não se limita a apresentar as dificuldades; ele instiga o público a refletir sobre as possibilidades de transformação e ação.

Assim, em uma sociedade na qual o extermínio da população preta e as disparidades de classe são realidades presentes, *Irmãs Coragem* é um chamado à ação e à conscientização. A peça não oferece soluções fáceis, mas desafia o público a olhar para essas jovens com uma nova perspectiva – não como vítimas passivas, mas como agentes de suas próprias histórias. A coragem delas não está apenas em enfrentar a adversidade, mas, sim, na malandragem de se manterem vivas, se apropriando da tecnologia ancestral de sobrevivência, assim como eram nos quilombos.

NO FRESCOR DA HORA

Por isso afirmo que esse é o tipo espetáculo que não só entretém, mas também provoca e inspira. Então, agora conte: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111. Foram 111.

Cento e onze tiros nos jovens que celebravam o primeiro salário de um deles. Foram 111. Que esse número seja o mínimo de vezes que devemos lembrar que essas mortes não podem ter sido em vão. 111. Esse número somado: $1 + 1 + 1$ é igual a 3, iguais as *Irmãs Coragem*, que nesse mês de julho, no qual celebramos o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, evocam àquelas que vieram antes e pedem passagem para continuarem sendo RESISTÊNCIA!



FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE

**“SERÁ QUE
OS QUE VIRÃO
DEPOIS DE NÓS,
DAQUI CEM
OU DUZENTOS
ANOS, E PARA
QUEM ABRIMOS
CAMINHOS, VÃO
FALAR BEM DE
NÓS?”³**

POR RAFA BREVES

*apreciação do espetáculo Tio Vânia, a partir
do painel conduzido por Lígia Helena – VQV
e João Fabbro – Conservatório de Tatuí.*

Sim, Grupo Tapa. Falaremos bem!

³ A citação é de Anton Tchekhov, extraída da peça Tio Vânia. Na obra, essa reflexão é feita pelo personagem Dr. Astrov, que expressa suas preocupações com o futuro e a memória das gerações vindouras.

Se no segundo dia do 29º FETESP discutimos o medo do futuro, no terceiro dia ganhamos uma dimensão de longevidade, principalmente para quem deseja exercer o ofício de ator.

O Grupo Tapa, celebrando 45 anos de uma trajetória notável no teatro brasileiro, apresentou "Tio Vânia" de Anton Tchekhov, com tradução e direção de Eduardo Tolentino de Araujo. Essa montagem, encenada no 29º Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, em Tatuí, não foi apenas uma exibição teatral, mas sim uma verdadeira aula de resistência artística e fidelidade ao texto clássico.

A escolha de encenar *Tio Vânia* sem concessões à contemporaneidade foi um ato de coragem e respeito pela obra de Tchekhov, que a maioria dos presentes ali, estudantes de teatro, só conheciam de ouvir falar ou de uma rápida leitura em alguma disciplina teórica, o que possivelmente não trouxe muito entendimento para esse drama rural russo, escrito no final do século 19.

E eu cito a coragem, pois o diretor fez questão de apresentar o texto *Tio Vânia* em sua íntegra, sem cortes, proporcionando uma experiência teatral completa que se estende por cerca duas horas e meia. Esta abordagem, embora possa parecer cansativa em um primeiro momento, revela-se uma escolha audaciosa e fiel ao espírito original de um autor, que provavelmente gostaria de ser visto, e ouvido, em sua totalidade.

E são nesses quase 200 minutos que a encenação desafia o público a se envolver profundamente com a narrativa e a refletir sobre questões que, apesar

de terem mais de cem anos, continuam dolorosamente atuais.

Os temas centrais de *Tio Vânia*, entre eles: arrependimento, opressão, sustentabilidade e exploração, provocam uma série de conflitos que desnudam as fragilidades e aspirações de cada personagem.

A personagem Sônia, por exemplo, encapsula as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, muitas vezes subestimadas e sobrecarregadas, enquanto o Dr. Astróv levanta questões ecológicas que ecoam as preocupações contemporâneas com o meio ambiente, que inclusive refletem nas atuais crises ambientais, como o desmatamento da Amazônia.

Já o personagem central, Tio Vânia, entrega uma performance que transita habilmente entre o humor ácido e a profunda melancolia. Sua interpretação de Vânia, um homem frustrado e desencantado com a vida, é ao mesmo tempo cômica e trágica.

E não posso deixar de citar os atores veteranos como Walderez de Barros, Lilian Blanc e Zécarlos Machado, que demonstram resiliência em cena, reforçando o compromisso com a excelência teatral e a generosidade com o público.

Por isso, a participação do Grupo Tapa em um festival estudantil foi especialmente significativa, pois envolveu, não só em cena, mas na conversa pós-espetáculo, os estudantes de teatro em um processo pedagógico que foi além da simples observação. Eles tiveram a oportunidade de interagir com uma produção de alto nível, aprender com a experiência de atores, em sua maioria na melhor idade, e com-

preender a importância de manter a integridade de um texto clássico.

Este intercâmbio entre gerações é um dos legados mais valiosos que o FETESP pode oferecer. Assistir *Tio Vânia*, com o Grupo Tapa, e vê-los ao vivo estilizando e comentando a vida, nos inspira a valorizar a experiência e a sabedoria dos mais velhos. A longevidade artística prova que o palco é um espaço para o crescimento contínuo.

FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE





ASSOMBRADA, ASSOMBRADÍSSIMA!

POR ANA JÚLIA GONÇALVES

*bolsista estagiária de apreciação crítica
para o espetáculo O que seria de mim se
não fossem os outros*

Meu pai dirigiu de Lençóis Paulista para me trazer aqui em Tatuí. Ele se chama Julinho, é músico também, toca trompete e o “terror” na chapa de lanche quando o assunto é hambúrguer. Às vezes eu fico pensando o motivo pelo qual ele sempre faz os “bate-voltas” para ver as minhas

peças e me pego refletindo se os outros pais fazem isso. Então vi o pai da Sara, que veio de Bauru assistir o experimento cênico *O que seria de mim se não fossem os outros*. Me pego refletindo também o que os demais fazem por nós. Com nós.

Por isso quero bisbilhotar cada detalhe antes do teatro começar. Até ouvi a entrevista que a Fernanda deu para a rádio na porta de entrada, a piscada da Sabrina, olhei bem de longe a TV TEM chegando; inclusive, tive a oportunidade de entrar antes do início do experimento do Teatro de Sombras e observar o cenário: não era nada do que eu tava pensando!

Os mais diversos elementos eram utilizados! Relevô, profundidade, cor, som, pausa... até um rádio relógio que não saía das 11:50. Sabe quando você tá com insônia no domingo e a hora não passa, mas você sabe que tem que trabalhar ou estudar na segunda-feira? Esse rádio-relógio, por trás do pano branco, era feito de placa de MDF, assim como as outras projeções de frases que apareciam em cena. Acontece que esse tic-tic-tic me dava um pouco de agonia: mas não é isso que acontece quando estamos dormindo sozinho? Sozinhos com nossos próprios pensamentos?

Para afastar essa agonia, o Menino da história foi ninado ao som de Chico Buarque; logo chega ao universo da fantasia, junto com sua irmã, em uma gostosa brincadeira de pular, brinquedos e muito carinho. Até é possível compreender como o enfoque é mais dinâmico por suas transições. Imaginem vocês, leitores, que a tela do celular ou computador seja o tecido que mostra as sombras, tá bom? Agora, imagina essa tela na horizontal: um terço dela

foi colocada uma pessoa deitada e o Menino e a Irmã ficaram afastados, ou seja, ficaram menores. Porém, a projeção da pessoa deitada fazia movimentos ondulados que remetiam ao mar, enquanto os irmãos pulavam as ondas. Ou seja, explicitava a sincronia entre os elementos, a dinâmica ensaiada pelos alunos e o lúdico, o vai e vem dos corpos e das ondas.

Nessa miscelânea de imagens, o perto e o longe não se referem a uma distância física, mas imaginativa. O caderno segurado pelas mãos de uma menina, ao mesmo tempo que é alvo de um zoom aumentativo, transforma suas folhas escritas na própria extensão do pano branco; possui, como flecha, um coração despedaçado, fruto do luto por perder alguém que ama. Porém, não é possível ler o que está escrito nas linhas; ou seja: seria um tensionamento a respeito do que o outro não pode nos afetar mais? Por falta de sua presença? Também te convido a refletir sobre a sua solidão. O primeiro momento que me senti sozinha na peça foi quando me sentei na cadeira e apagaram todas as luzes, no seco, ninguém me avisou, me deu a mão, um abraço. Mas não tive medo. Na verdade tive, mas não paralisou de dar pânico, sabe? Pois sabia que tinha gente do meu lado, escutava respiração, a Soraya virando a folha no caderno, o João mexendo na câmera, tava tudo bem, então.

A verdade é que eu não estava sozinha a partir do momento que concordei em assistir ao experimento. Digo isso para todos, na verdade. Pois antes de entrar foi acordado que não era para sair do espaço. A própria natureza da peça não permitia que ela fosse continuada. Eu digo por ser um Teatro de Som-

bras ou por chamar *O que seria de mim se não fosse os outros?* Não sei, o que você acha? Dessa vez, preciso da sua resposta. Acima de tudo, o que seria de mim sem esses aprendizados? O que seria de mim sem esses sentimentos? O que seria, principalmente hoje, de mim, sem os estudantes Giuseppe Carlos Tomazela, Maria Eduarda Lima Sportello, Maria Fernanda Duarte dos Santos M. Ferreira, Murilo Adolfo Farconi de Assis, Sara Viola dos Santos, Vinicius Sales Peixoto? Sem os Professores Fernanda Mendes, Renner Oliveira, Valéria Rocha e Lucas Rodrigues?

Ontem, no Jornal Buli nº2, falei de amor. Mas não é somente dentro desses tipos de relacionamentos que deve existir responsabilidade afetiva. E a relação elenco-público? Quase ao fim do experimento, após investigarem o que assombra nos restos da memória entre os mais diversos universos, como brincadeiras de infância, relações escolares e até mesmo o luto, o público se mostrou tocado, juro que escutei até uns snif-snif. Ou podia ser eu também, enfim. A forma como o espetáculo é finalizado e, conseqüentemente, como o elenco direciona esses indivíduos para seus lares, é essencial; afinal, você nunca sabe o que o outro passou ou vai passar quando chega em casa. Ao som de *Dog Days Are Over*, de Florence and the Machine, os atores entram correndo, pulando e dançando, comemorando acima de tudo o aqui e agora do coletivo! Nessa grande festa, não existe relógio para dizer que a felicidade está na hora de ir embora, pois os dias ruins acabaram, principalmente porque esse sentimento é contagiante! Os alunos puxam a plateia para essa grande euforia, a sala pequena do CEU, composta por três fileiras de cadeiras pretas e um tecido branco sustentado, ficou menor ainda. Mas sempre

cabe mais um! No coração de mãe ou no 29º FE-TESP! Corações, pombinhas, figuras não identificáveis, coelhinhos dos curiosos no tecido e dancinhas com a mão na cintura, um pé para lá e outro para cá. Os atores de preto, sorrindo orgulhosos no meio. Acima de tudo, estou completamente assombrada! Mas que melhor forma de sair de um Teatro de Sombras? Um experimento cênico afetoso sobre teatro de sombras.

FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA





A LEGIÃO QUE NÃO É A URBANA

POR LUCAS ROSÁRIO

*bolsista estagiário de apreciação crítica
para o espetáculo Irmãs Coragem*

O Brasil é um país continental. No entanto, toda essa imensidão, que comporta características, culturas e problematizações tão específicas, é reduzida a famigerada tríade futebol, samba e carnaval. É complicado expelir esses epítetos estereotipados que não ajudam em nada, pelo

contrário, são utilizados para escamotear mazelas. Com a peça *Irmãs Coragem*, a Cia Coxixo vem fazer coro às vozes que negam os rótulos mesquinhos, sublinhando problemáticas sociais que, infelizmente, necessitam ser encaradas.

O espetáculo trabalha com o épico, gênero que é atribuído imediatamente ao nome do dramaturgo e diretor alemão Bertold Brecht (1898-1956). Aliás, o título *Irmãs Coragem* já nos leva para uma peça de Brecht, *Mãe Coragem* (1939), o que vem muito a calhar, pois Mãe Coragem perde todos seus filhos numa guerra. E não estamos nós também vivendo uma guerra? Uma matéria do portal *Brasil de Fato*, mostra que mortes de crianças e adolescentes por intervenção policial cresceram 58% em São Paulo sob o governo Tarcísio de Freitas. Esse mesmo governador, quando questionado sobre as mortes na Baixada Santista, disse “tô nem aí”. Essas mortes naturalizadas no cotidiano, vindas principalmente pelo braço do Estado, foram hoje protestadas pela peça.

Na montagem, um dos elementos fortes do cenário e do figurino são as camisas de times de futebol, além da chuteira e da caneleira penduradas nos suportes frontais do palco. Nesse brasilzão de meu Deus — que talvez nem exista, como questionou Carlos Drummond (1902-1987) em seu poema *Hino Nacional* (1954) — é vendida a ideia de que a favela venceu, e essa favela vence principalmente pelo futebol. Oras, não precisamos de uma matemática apurada para sabermos do número gigantesco de meninos que não irão alcançar sucesso nessa profissão, seja pela impossibilidade de abarcar todos, ou pelas mortes de adolescentes negros evidenciadas na peça. Não vai ter gol. É atribuída a Bre-

cht a frase “infeliz a nação que precisa de heróis”, e olhando para as figuras futebolísticas heroicas, essa frase nunca foi tão atual. O que dizer sobre Neymar Junior? Robinho? Daniel Alves? Paremos por aqui. Que vão às favas, e uso favas num eufemismo evidente. Que fique registrado: não, “a favela não venceu”, e o elenco de *Irmãs Coragem* trouxe essa frase com um “A” do anarquismo, o que me remeteu ao disco de Cazuza (1958-1990), *Ideologia* (1988), que também traz um “A” anarquista e canta: “meus heróis morreram de overdose, e meus inimigos estão no poder”. Os símbolos nacionais estão em frangalhos, e nem sei se vale a pena o resgate do verde e amarelo, que não tem nada que ver com matas e ouro, mas sim com o colonizador, lá com suas Casas de Bragança e Habsburgo.

Pensemos em algo novo. A cena é rebobinada, temos um outro fim no qual a ingenuidade não tem vez. A malandragem, não aquela boba do Zé Carioca, digo a malandragem de vida no íntimo, a malandragem da capoeira, aquela de saber chegar e sair, a malandragem de acreditar na rapaziada, “que não foge da luta e enfrenta o leão”, lembrando aqui nosso grande Gonzaguinha (1954-1991). Reverter o final não é romantizar, é querer sobreviver, ao mesmo tempo que não perdemos de vista nossos mortos. Esses mortos atravessam séculos, começaram na travessia, no fantasmagórico navio negreiro, passou pelos Capitães de Areia, Querôs, Zés Pequenos, Pixotes, Joões Pedros... A legião é grande, mas a resistência também. Sigamos.

FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE



FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



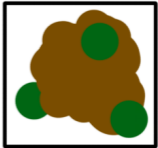
FOTOGRAFIA POR CAMILA FONTENELE



uma musica de
MARIA
BETHANIA
Sonia Lindor



" VOCE
TEM DIREITO
DE SER
FEIA "



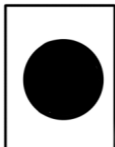
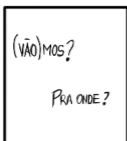
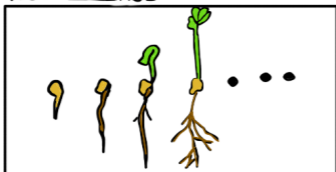
OUÇAM E LIGUEM À DRAMATURGIA!



NO TEMPO DA
INTOLERANCIA
ELZA SOARES

KAIÃO

NO SENSE



ZZZZZZZZ

VÃO DE IR?



KAIÃO



ESPERANÇAR

POR NATALY REIS

*estudante do 2 ano de artes cênicas no
Conservatório de Tatuí*



Hoje demos início ao Encontro de Grupos Tatuianos e Grupos Estudantis, sendo recebidos de portas abertas pela Dupla Companhia. Não abriram apenas suas portas, mas também seus corações, compartilhando conosco mais de quinze anos de histórias, experiências –

boas e ruins. Nesse espaço pedagógico, pudemos reconhecer nossa individualidade e também a força do coletivo, onde cada história é única, mas se entrelaça, conectando-se de maneiras inesperadas e profundas.

Lucas Gonzaga, Rafael Breves e Gabriela Carriel, da Dupla Companhia, falaram com uma paixão contagiante sobre a importância de sonhar e de lutar por esses sonhos. Com a sinceridade de quem já percorreu um longo caminho, ofereceram conselhos valiosos – às vezes duros, mas sempre cheios de sabedoria e conforto, como os conselhos de uma mãe. Eles nos mostraram que transformar desejos em realidade exige planejamento cuidadoso e bases sólidas. E, com uma generosidade tocante, nos deram mapas para que nossos sonhos saíssem do papel e ganhassem vida.

Os grupos estudantis Atuará, Teatro Singular e Povo da Máscara tiveram um momento de introspecção e criatividade, exercitando a escrita e permitindo-se sonhar. Cada participante escreveu, em cinco linhas, o sonho que gostaria de realizar e como se imagina daqui a 10 anos. Foi um momento inspirador, que acendeu a chama da esperança e do entusiasmo em todos nós, nos impulsionando a transformarmos nossos desejos em ações concretas.

Durante três horas de bate-papo, acumulamos muito conhecimento valioso. No entanto, gostaria de compartilhar duas perguntas que, apesar de sua profundidade, muitas vezes acabam sendo deixadas de lado:

- Qual é o desejo que guardo no meu íntimo?
- O que preciso fazer para transformá-lo em realidade?



PELOS TERRITÓRIOS DE TATUÍ

POR DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO
*estudante da escola Nair Guilhermina
Pinheiro Nogueira, de Ribeirão Preto*

Durante esse encontro mais teórico com Lucas Gonzaga e Rafael Breves, da Dupla Companhia, foi ensinado e demonstrado com algumas dinâmicas, como é realizado o funcionamento das escolhas nos editais e a importância de sempre seguir conforme o regulamento do

Evento, onde apesar do pensamento comum que a "produção é chata e podemos ver depois", eles demonstram que a produção é parte mais importante, que prepara o palco, o público; afinal, sem público não há espetáculo.

Eles apresentaram a diferença entre estar protegido - só tendo que ensaiar e se apresentar - em relação ao outro lado, de quem organiza e tem a necessidade de estar meses e até anos planejando para conseguir, se necessário, direitos autorais, participações especiais, projetos incomuns entre outros.

Do meu ponto de vista, a lição mais importante, foi o sonho. Mas afinal, o que é o sonho? Para mim, o sonho é algo imaginário, não alcançado e que você deseja alcançar; normalmente vem desde criança ou é desenvolvido durante a vida através dos desejos e, assim como os desejos, muitos sonhos são mutáveis, porém outros são tão concretos quanto a convicção de quem acredita nesse sonho. No encontro eles demonstram que algo que seria simples, como um gosto por bonecas na infância, ou algo que você possa se identificar, que você realmente ama, pode virar algo que te ajuda na vida, passar de sobreviver para realmente conseguir viver na sociedade, através da criação de projetos que espalhem esse seu gosto, seu sonho como algo necessário para a sociedade - como as Bonecas negras, de Rafa Breves, que não eram comuns antigamente - atingindo, assim, questões sociais, como racismo estrutural, a maneira como isso afeta a autoestima de pessoas negras e a padronização das pessoas na época. Assim, se faz necessário preencher e quebrar esses preconceitos que são enraizados na sociedade, onde diversas pessoas possam compartilhar suas experiências e realmente entender o que elas sentiam e possam

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

melhorar sua própria vida, nem que seja nos pequenos detalhes. Afinal, é de pouco em pouco que você realmente muda. Se de pouco em pouco algo muda, como você se vê daqui a alguns anos?

Foi fascinante esse encontro teórico, que esclareceu diversas dúvidas em relação às companhias e às dificuldades que existem para se superar.



PREFEITO SALADINO, SANTO ANDRÉ

POR SOPHÍA “SOSA” SALVI

estudante do Colégio Singular de Santo André

Linha do trem. Prefeito Saladino. Como alguém que externa tanto o orgulho pelo próprio território, fiquei feliz em chegar em um lugar em que as pessoas prezam tão intensamente pela própria cidade. Não consigo tirar o pé do ABC Paulista sem dizer que sou de Santo André. "O Péricles é de

Santo André. O Chevette é de Mauá. O Lula é do ABC". Também não foi possível não me identificar quando Lucas falou do sentimento ao entrar novamente na casa da vó. Quando ouvi sobre ancestralidade e memórias no Terreiro de Teatralidades Pretas (um salve pra Escola Livre), não tive coragem de comentar das minha sensações trazidas pela casa onde passei minha infância em Mauá, mas é claro que pensei no território onde cresci, nas manias culinárias de minha falecida vó (até hoje, o chá da tarde é bolacha molhada ao leite, graças à Vovó Ana). Meu sonho é fazer uma peça no trem. Vocês pediram para pensarmos em sonhos. Meu sonho é fazer uma peça no trem e, a cada estação, contar a história da minha região, ABC Paulista, Santo André, Mauá. Meu sonho é falar dessa linha de trem. Da Estação Prefeito Saladino, onde nasci e fui criada.



QUE AMORES SÃO ESSES?

POR FERNANDO MACHADO E LOHU SARON
ex-estudante e estudante do 3º ano de artes cênicas no Conservatório de Tatuí, respectivamente

Efervescência
Típico de adolescência
Frio na barriga
Inconsistência
E acima de tudo inocência

AINDA REVERBERA

É tudo dourado apesar de carnal
Sinto amor, afeto
Paixão

Não moro só,
Mas vivo só
Desiludido do amor
Da paixão

De algo que alguém me vendeu
Que disseram ser o meu
Essa ideia de amar é a que venceu?

Romance é intensivo
Um tanto inacessível
Intensidade em fazer
De sensibilizar e ser sensível
Disponibilizar-se a ideia a dois

Ser um só
Ter dias que odeia
Irrita, descabela-se
Não diz um “por favor amor”
E mesmo assim

Experimente amar.



ESCUMALHEI MEU CORAÇÃO COM O CHAT GPT

POR JHONY FURLANETO

*estudante do 1º ano de artes cênicas no
Conservatório de Tatuí.*

O paralelo
nos obriga
a desencontros
eternamente
por um triz

eu aqui
procurando
se já escrevi sobre amor
olhei para minha raiva
me deparei
no horizonte
a tempestade
em dia de sol
o choque
talvez
seja um amor
menos intenso
e mais profundo
talvez
seja menos
uma paixão fulminante
e mais uma admiração
constante
talvez
tenha menos explosões
e mais luz
amar já não é razão suficiente?
mas
a gente não tá
no coração dos outros

– Chat, escreve um poema sobre você

– Claro! Aqui está:

No mundo dos códigos e pensamento sem fim,
Em circuitos profundos, minha mente vagueia,
Uma sinfonia de dados, uma casa almejada.
Neste domínio virtual eu habito,
Um poeta, um guia, sua história que cito.



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE









EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Produção editorial

João Fabbro

Coordenadora de comunicação

Luiza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Assistente Arte design

Luiza Devasa

Revisão de textos

João Fabbro

Roberto Anzai

Tadeu Renato

Colaboradores

Ana Julia dos Santos

David Rodrigues Conceição

Fernando Machado

James Furlaneto Rocha

Jhony Furlaneto

Kaião

Lohu Saron

Lucas Rosário

Nataly Duarte dos Reis Franceschini

Rafa Breves

Sophía “SoSa” Salvi

Soraya Martins

Fotógrafo

Camila Fontenele

João Maria

[Leia também por meio deste link a *Buli - Revista de Artes Cênicas* do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



Lei de
Incentivo
à Cultura
L.º 10.162/2001

patrocínio



parceria



PREFEITURA DE TATUÍ

Secretaria de
ESPORTE, CULTURA,
TURISMO E LAZER

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO